

Evolutionary Love

Amor Evolucionário

Charles Sanders Peirce

Tradução e nota introdutória de Basílio João Sá Ramalho Antônio
basilio.ramalho@yahoo.com.br

Nota Introdutória

Esta versão para o português do ensaio “Evolutionary Love” é parte integrante da Dissertação de Mestrado intitulada “*O todo e as partes: subsídios para a leitura do ensaio ‘Amor evolucionário’ de Charles Sanders Peirce*”, apresentada em Outubro de 2006 à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Ivo Assad Ibri, para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Esse ensaio foi publicado originalmente em *The Monist*, v. 3, p. 176-200 (1893), com publicações também em *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, v. VI, editado por C. Hartshorne e P. Weiss (Cambridge, [MA]: Harvard University Press, 1935), bem como em *The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings*, v. 1 (1867-1893), editado por N. Houser e C. Kloesel (Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 1992). A versão utilizada é a do *Essential Peirce*, porém incluímos entre parênteses a numeração referente à localização dos parágrafos no v. VI do *Collected Papers*. A presente tradução foi confrontada, à época da elaboração da dissertação, com a versão castelhana de Lino Iglesias (2001), disponível em <<http://www.unav.es/gep/EvolutionaryLove.html>> (acesso em 15-1-2006). O ensaio “Evolutionary Love” é o último de um total de cinco publicados por Peirce entre 1891 e 1893 e que, no seu conjunto, constituem o núcleo de sua cosmologia. Os demais são: “The Architecture of Theories”¹, “The Doctrine of Necessity Examined”², “The Law of Mind”³ e “Man’s Glassy Essence”⁴.

Neste ensaio, de profunda erudição e fina ironia, Peirce lança mão de amplas referências bíblicas e da história da Igreja, além de apresentar um panorama das descobertas em diferentes campos das ciências naturais de sua época, de forma a construir uma estrutura argumentativa cujo objetivo é evidenciar o *modus operandi* da lei da mente, já que faz dela a grande lei de formação de todas as regularidades do universo. Fica aqui evidenciado o conceito de continuidade, que é a condição de possibilidade para compreender a dinâmica da lei mental da associação de ideias. A associação de ideias, que estrutura a formação de todas as regularidades mentais, não está inteiramente sujeita às regras estritas da necessidade, mas acolhe também o novo, o que introduz as bases para a diversificação e, dessa forma, dota a lei da mente de

1 *The Monist*, v. 1, p. 161-176, 1891. Também publicado no CP, 6.7-34, e no EP1, p. 285-297.

2 *The Monist*, v. 2, p. 321-337, 1892. Também publicado no CP, 6.35-65, e no EP1, p. 298-311.

3 *The Monist*, v. 2, p. 533-559, 1892. Também publicado no CP, 6.102-63, e no EP1, p. 312-333.

4 *The Monist*, v. 3, p. 1-22, 1892. Também publicado no CP, 6.238-71, e no EP1, p. 334-351.

um vetor evolutivo. Peirce apresenta três possíveis modelos de evolução – *tिकासma*, *anancasma* e *agapasma* –, que se caracterizam pela forma como neles se articulam o acaso e a necessidade. Peirce recusa, como teoricamente insuficientes, tanto as teorias que atribuem ao acaso o papel de único agente positivo da mudança (*tिकासma*), quanto as que o depositam em algum princípio de necessidade (*anancasma*). Ambas as teorias, *tिकासma* e *anancasma*, pareciam a Peirce insatisfatórias para dar conta do processo de evolução, sendo o aspecto central dessa inadequação teórica o tratamento dispensado ao *telos* da evolução⁵. No *tिकासma* há a inteira ausência de *telos*, de tal forma que as variações são absolutamente aleatórias, não obstante haja a geração de uma tendência, de natureza estatística, em razão da eliminação dos hábitos menos favoráveis e da fixação daqueles mais favoráveis. No *anancasma*, ao contrário, o *telos* é dado na origem do processo evolutivo, permanecendo imutável no seu decorrer. É, pois, uma força bruta, cega, que faz a evolução da vida percorrer etapas predefinidas como sequências dedutivas de um processo silogístico. Nesse sentido, não se pode falar propriamente de evolução, já que o que ocorre ao longo do tempo é a revelação da diversidade que já estava inteiramente inscrita no projeto divino original. Se Peirce tivesse se contentado com a tendência à ordem que emerge dos processos em que o acaso está presente, teria conseguido explicar as regularidades e a geração de uma evolução, mas esta não seria uma evolução inteligível, à medida que lhe faltaria um *telos*. A regularidade é inteligível à medida que pode ser explicada em função de um *telos*. Por essa razão, é necessário um princípio que oriente a evolução em direção ao *telos*, mas ao mesmo tempo não sufoque o que é divergente, pois, se isso ocorresse, tenderia a uma ordem enrijecida, da natureza de um mecanicismo. Essa “força diretora”, “*mais bem descrita como uma tendência em direção à harmoniosa inclusão, cujo destino é conduzir as divergentes tensões evolucionárias hostis, deflagradas pelo acaso inicial, a um acordo mútuo*”⁶ é o amor-ágape. Por essa razão, Peirce faz da evolução *agápica* o modelo mais adequado para representar a forma como a evolução se tem processado. Peirce atribui-lhe esse nome por constatar a sua similitude com o *modus operandi* da *ágape* cristã, que afirma o amor como princípio de atração e inclusão harmoniosa das forças divergentes: *amar o próximo como a si mesmo*. Peirce, avesso a qualquer dualismo, recorre ao evangelho de São João para afirmar apenas o amor como princípio ontológico, como princípio produtor da existência e da evolução cósmica. *Ágape*, amor que Peirce eleva à condição de força cósmica, é o termo grego empregado no Novo Testamento para o amor de Deus por sua criatura. *Ágape* é força cósmica “diretora” e não *eros*, aquele amor cujo *locus* genético é o indivíduo, que, justamente por esta razão, orienta-se por uma perspectiva interessada. Não obstante, *eros* cumpre no sistema de Peirce o papel de impulsionar o que é potência a determinar-se e, nesse sentido, é princípio fundamental para a operação de um sistema de hábitos. Os hábitos, à medida que miram fins específicos, são eróticos. Se o sistema de aquisição de hábi-

5 Cf. VENTIMIGLIA, Michael J. *Evolutionary Love in Theory and Practice*. Pennsylvania State University: 2001. Tese de Doutorado. Disponível em <<http://etda.libraries.psu.edu/theses/approved/WorldWideIndex/ETD-98/>>. Acesso em 14-2-2005.

6 OLIVER, Donald W. “The Final Cause and Agapasm in Peirce’s Philosophy”. In: *Studies in the Philosophy of Charles Sanders Peirce*. Ed. by Edward C. Moore and Richard S. Robin. Amherst: University of Massachusetts Press, 1964. Aqui p. 298.

tos fosse inteiramente presidido por *eros*, o sistema não teria como evoluir, já que não haveria espaço para o surgimento da novidade. O hábito, sendo uma regra de ação, tem a propensão a realizar-se sempre da mesma maneira. Pura operação da causalidade eficiente. Portanto, para que haja evolução, tem de haver espaço para a novidade. Como princípio de ordem, o amor-*ágape* possibilita que as melhores soluções para o todo sejam incorporadas aos hábitos particulares. A evolução do sistema de hábitos particulares é a sua harmonização, *eros* transformado pela *ágape*. Na evolução agápica, o *telos* da evolução é o aperfeiçoamento do indivíduo, porém este aperfeiçoamento não está predeterminado, mas é construído no próprio processo evolutivo. A dinâmica desse autoaperfeiçoamento contínuo se expressa na lei do amor, como enunciada por Peirce: “O movimento do amor é circular, lançando as suas criações rumo à independência e atraindo-as de volta para a harmonia, num único e mesmo impulso” (CP 6.288). É um *telos* vago que não está condicionado pelos hábitos estabelecidos, acolhendo, portanto, a novidade e harmonizando-a com o sistema de hábitos prevalecente. Esse *telos* é mais do que o propósito de alcançar um determinado fim, é um *telos* que evolui, o que significa que não apenas há uma evolução dos hábitos para melhor atingir esse fim, mas que o próprio fim evolui.⁷ Esse é, portanto, um processo de evolução criativo, em que nada está constituído *ab ovo*, mas que se constitui na evolução. Portanto, Peirce faz da evolução *agápica*, que afirma o amor como princípio de atração e inclusão harmoniosa das forças divergentes na unidade do *continuum* cósmico, num processo da natureza similar ao *modus operandi* da formação de hábitos, o princípio evolutivo de maior generalidade e inteligibilidade. Esse é o escopo do ensaio “Evolutionary Love”, cuja versão para o Português ora apresentamos.

7 Cf. HAUSMAN, Carl R. “Eros and Agape in Creative Evolution: A Peircean Insight”. In: “Process Studies”, v. 4, p. 11-25, 1974. Disponível em: <<http://www.religion-online.org/showarticle.asp?title=2353>>. Acesso em 30-1-2005.

1. Parte*

§1. À Primeira Vista. Anti-Evangelhos

[287] A filosofia, tão logo se desvencilhou de seu casulo dourado de crisálida, a mitologia, proclamou que o grande agente evolucionário do universo era o Amor. Ou, digamos, Eros⁸, o amor-exuberância, já que o inglês, este dialeto de piratas, é pobre quanto a esses termos. Posteriormente, Empédocles⁹ apontou o amor-paixão e o ódio como as duas forças coordenadoras do universo¹⁰. Em algumas passagens, a palavra é bondade. Mas, com toda certeza, seja qual for o sentido em que tenha um oposto, ser o parceiro principal deste oposto é a posição mais elevada que o amor pode alcançar. Contudo, o evangelizador ontológico¹¹, em cujos dias essas concepções eram tópicos familiares, fez do Ser Supremo, por quem, a partir do nada, todas as coisas foram feitas, o amor-zeloso (cherishing-love). O que pode, então, dizer ele do ódio? Não importa, neste momento, o que possa ter sonhado o escriba do

* A segunda e última parte desta tradução será publicada no n. 2 do v. 11 de *Cognitio*.

8 N.T.: *Eros*, palavra grega para amor ou desejo. Na mitologia, Eros é o deus do amor, filho de Marte e Afrodite e esposo de *Psiché*. Em Platão, *eros* está relacionado com a sua doutrina da *anamnese*, da reminiscência. A alma, tendo contemplado o esplendor das ideias no mundo pré-existencial, ao defrontar-se com o belo sensível, lembra-se saudosamente delas e sente-se instigada a percorrer o caminho de volta. No plano da existência, o único caminho possível é o da *theória*, da contemplação, que é o caminho ascendente, “da alma voltada para cima”, de entrega à *noésis*, que é a atividade própria da inteligência. *Eros* é, pois, a consciência da falta de algo valorizado e a mobilização dos esforços para consegui-lo. O *eros* de Platão é um *eros* celeste, porque mobiliza a alma humana no sentido ascendente, em direção ao mundo das ideias, em direção ao divino. Há, não obstante, outro *eros*, um *eros* descendente ou vulgar, que é o da atividade da “alma voltada para baixo”, em direção à beleza pálida da cópia que preenche o mundo da existência. Em Aristóteles, *eros* foi alçado à condição de força cósmica, de causalidade final, de força que leva aquilo que é potência a determinar-se, a atualizar-se e, portanto, responsável pela produção do mundo da existência. Em Empédocles, *eros* é, ao lado do ódio, uma das forças estruturantes do cosmos (ver nota 3). Ver REALE, G.; ANTISERI, D. *História da filosofia*, v. 1: filosofia pagã antiga. São Paulo: Paulus Editora, 2003. Ver também NYGREN, Anders. *Eros and Agape*. New York: Harper Torchbooks, 1969.

9 N.T.: Empédocles (495 – 435 a.C.). Filósofo pré-socrático que acompanha Parmênides na sua rejeição à impossibilidade da passagem do ser ao não-ser (e vice-versa). Contudo, procura compatibilizar esta tese com a evidência propiciada pela sensibilidade, sustentando que nascer e perecer não constituíam uma passagem do não-ser ao ser e do ser ao não-ser, mas antes um agregar-se e decompor-se dos quatro elementos originários, fonte de todas as coisas (ar, água, terra e fogo). Estes elementos, homogêneos e incorruptíveis, estão submetidos a duas forças cósmicas, o amor (força agregadora) e o ódio (força desagregadora). Quando o amor prevalece inteiramente, tem-se a unidade perfeita (Esfero), e, quando o ódio prevalece plenamente, tem-se o caos. Quando há um relativo predomínio do ódio, tem-se o cosmos. Ver REALE, G.. *História da filosofia antiga*, v. I. São Paulo: Loyola, 1992.

10 N.E.: Ver DIELS, Hermann. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Berlin: 1906. Aqui v. 1, p. 21 B.

11 N.T.: Referência a São João.

Apocalipse, admitindo-se ser ele João¹² que, levado pela perseguição aos limites de uma fúria incapaz de distinguir entre os indícios do mal e as visões celestiais, torna-se assim o difamador de Deus entre os homens. A questão é antes o que pensou, ou teria pensado, o sensato João para desenvolver a sua ideia de modo consistente. A sua afirmação de que Deus é amor parece referir-se ao dito do Eclesiastes¹³ de que não podemos dizer se Deus nos tem amor ou ódio. “Nada disso”, diz João, “podemos dizê-lo, e de maneira muito simples! Conhecemos e temos confiado no amor que Deus nos tem. Deus é amor”¹⁴. Não há lógica alguma nisto, a não ser que seu sentido seja o de que Deus ama todos os homens. No parágrafo anterior ele havia dito: “Deus é luz, e nele não há escuridão alguma”¹⁵. Então, se devemos entender a escuridão meramente como ausência da luz, o ódio e o mal são simplesmente estágios imperfeitos de *ἀγάπη*¹⁶ e *ἀγαθόν*, de amor e bem¹⁷. Isto está de acordo com o proferido no evangelho de João: “Deus não enviou o Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo, por meio dele, seja salvo. Quem nele crê não será julgado, quem não crê, já foi julgado... E é este o julgamento: que a luz veio ao mundo e que os homens preferiram a escuridão à luz”¹⁸. Isto equivale a dizer: Deus não lhes enviou o castigo; eles castigaram-se a si próprios pela afinidade natural com a imperfeição. Portanto, o amor que Deus é não é um amor que tem no ódio o seu contrário, pois, se assim fosse, Satã seria um poder coordenador, mas é um amor que acolhe o ódio como seu estágio imperfeito, um Anteros¹⁹; sim, que precisa até

12 N.T.: Alguns eruditos chegaram a pôr em dúvida que São João tenha sido o autor do livro do Apocalipse, em razão das diferenças de estilo em relação ao evangelho que leva o seu nome, bem como em relação às suas três cartas. O Apocalipse foi escrito quando João estava exilado (c. 96 d.C.) na ilha de Patmo (atual Turquia), no mar Egeu, e os cristãos se encontravam sob intensa perseguição pelos Romanos.

13 N.T.: Livro do Velho Testamento. O nome Eclesiastes deriva do termo grego *ekklesia* (“assembleia”) e significa “aqueles que falam a uma assembleia”. O termo hebraico correspondente é *qobelei*, que significa “aquele que numa assembleia usa a palavra por ofício”. Possui também o sentido de “Professor” ou “Pregador”. O Eclesiastes foi por muito tempo atribuído a Salomão (cerca de 970 a 930 a.C.), mas há sérias dúvidas quanto a isso. O livro é escrito em versos, abordando o sentido das grandes questões da existência, com base na própria experiência do autor. Ver: BORN, A. Van Den (Ed.). *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. 6. ed. Petrópolis, Vozes, 2004.

14 N.T.: 1ª Epístola de João 4:8

15 N.T.: 1ª Epístola de João 1:5.

16 N.T.: *ἀγάπη*, ágape: termo grego para amor desinteressado. Segundo *The Cambridge Dictionary of Philosophy* é a palavra grega utilizada no Novo Testamento para designar o amor desinteressado por todas as pessoas. Ver AUDI, R. *The Cambridge Dictionary of Philosophy*. 2. ed. Cambridge University Press, 1999. Difere de *Eros*, que é o amor interessado, o amor orientado para o preenchimento de uma carência.

17 N.T.: Preferimos a tradução de bem para *loveliness* por ser mais adequada para o termo grego *ἀγαθόν*, *agathón*. Ver PETERS, F. E. *Termos filosóficos gregos: um léxico histórico*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

18 N.T.: João 3:17-19

19 N.T.: Na mitologia grega, filho de Afrodite e irmão gêmeo de *Eros*. Anteros é algumas vezes apresentado como o vingador do amor desdenhado, porém, em outras, aparece como símbolo do amor recíproco. Uma das lendas a seu respeito conta que Afrodite queixou-se a Têmis de que *Eros* continuava sempre criança. Têmis disse-lhe que *Eros* haveria de

mesmo do ódio e da odiosidade como seu objeto. Porque amor a si mesmo não é amor; assim, se Deus é amor em si mesmo, o que ele ama deve ser carente de amor, da mesma forma que uma fonte de luz só pode iluminar algo que, de outra forma, estaria às escuras. Henry James²⁰, o Swedenborguiano²¹, diz: “Sem dúvida, é compreensível que o amor finito, ou da criatura, se ame a si mesmo no outro, que ame o outro pela conformidade consigo mesmo; mas nada pode estar em mais flagrante contraste com o Amor criativo, cuja inteira ternura, *ex vi termini*²², deve ser reservada apenas ao que, da maneira mais pungente, lhe é intrinsecamente hostil e contrário”. Isto se encontra em *Substância e Sombra: um Ensaio sobre a Física da Criação*²³. É

crescer se tivesse um irmão. Com o nascimento de Anteros, *Eros* cresceu e tornou-se robusto. Contudo, toda a vez que Anteros o deixava, *Eros* voltava a ser criança. MÉNARD, René. *Mitologia greco-romana*. São Paulo: Opus, 1977. Ver também BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. Peirce atribui ao ódio o papel de Anteros, isto é, o papel de algo de que o amor necessita como seu objeto para poder crescer e se fortalecer. Neste sentido, o ódio não é o oposto do amor, não é algo que se lhe opõe irreconciliavelmente, mas é algo que instiga e atrai o amor.

20 N.T.: James Henry Sr. (1811-1882), pai do escritor Henry James e do filósofo e psicólogo William James. Em sua época, foi um proeminente escritor e orador. Crítico da ortodoxia calvinista, na qual tinha sido criado, foi profundamente influenciado pelo pensamento de Emmanuel Swedenborg.

21 N.T.: Seguidor de Emmanuel Swedenborg (1668-1772). Swedenborg nasceu em Estocolmo, Suécia, filho de um renomado bispo e professor de teologia. Iniciou sua vida profissional como cientista natural no Conselho Real de Minas (1710-1745), em seu país natal. Seus estudos de matemática, mecânica e física motivaram o seu interesse por cosmologia e teologia. A sua primeira obra é *Opera Philosophica et Mineralia* (3 v.), 1734, que combina “insights” em metafísica, cosmologia e ciência. Após 1734, Swedenborg voltou-se para os estudos de fisiologia e psicologia. Em 1745, diz ter comunicação com os anjos e espíritos e de ser portador de uma nova interpretação da Bíblia, a qual é exposta como revelação divina em seus escritos posteriores, os quais, após a sua morte, inspiraram o surgimento da Nova Igreja (Igreja da Nova Jerusalém). Swedenborg, bem como o suíço Kaspar Lavater (1741-1801), são, segundo os historiadores, as matrizes intelectuais do movimento espiritualista do século XIX, o qual incorpora elementos filosóficos e científicos e propugna o contato sistemático com os espíritos e a divulgação dos ensinamentos por eles transmitidos. Esse movimento ampliou “os limites das crenças e doutrinas que transferiam as afeições terrestres para após a morte apresentando as possibilidades de conhecimento da existência após a morte bem como das comunicações constantes entre as duas dimensões, as reuniões felizes entre vivos e mortos, superando a barreira de medos e incertezas que cerceavam o destino mortal, numa revolução sentimental e psicológica que marcou o século XIX. [...] Este movimento incorporou princípios científicos, investigou os fenômenos na sua lógica e veracidade e combateu o materialismo simplista lançando novas bases para pensar verdades religiosas sem o dogmatismo das religiões tradicionais. Começou como ciência do mundo espiritual, da sobrevivência da alma propondo uma fé racional, encarando os fatos sobrenaturais à luz da razão, sob princípios éticos e de veracidade comprovada, sem negação ou aceitação sistemática” (SILVA, Eliane M. “O espiritualismo no século XIX: reflexões teóricas e históricas sobre correntes culturais e religiosidade”. *Textos Didáticos*, Campinas, n. 27, p. 18-19, 1999). Ver também: PANESA, Rolando T. *Science and Religion in Charles S. Peirce*. Doctoral Dissertation. Pamplona, 1996.

22 N.T.: Expressão latina que significa “por força do termo”.

23 N.E.: Ver p. 442. N.T.: A página a que o editor nos remete está em JAMES Sr, Henry. *Sub-*

uma pena que ele não tenha preenchido todas as suas páginas com conteúdo semelhante, algo que ele poderia ter feito com facilidade, ao invés de ficar investindo contra os leitores e o público em geral, até que a física da criação caísse quase por completo no esquecimento. Entretanto, devo fazer uma ressalva em relação ao que acabo de escrever: é óbvio que nenhum gênio seria capaz de tornar cada frase sua tão sublime quanto aquela que revela a solução definitiva para o problema do mal.

[288] O movimento do amor é circular, lançando as suas criações rumo à independência e atraindo-as de volta para a harmonia, num único e mesmo impulso. Isto parece complicado quando posto desta forma, porém está plenamente contido na fórmula simples que denominamos de Regra de Ouro. Esta, evidentemente, não diz “faz todo o possível para gratificar os impulsos egoístas dos outros”, mas diz “sacrifica tua própria perfeição em favor do aperfeiçoamento do teu próximo”²⁴. Também não deve ser confundida, nem por um momento, com o lema bentamita²⁵, helvético²⁶ ou becariano²⁷: “Age para o maior bem do maior número de pessoas”. O Amor não se dirige a abstrações, mas a pessoas; não àquelas que não conhecemos, nem a inúmeras pessoas, mas aos nossos entes queridos, nossa família e nosso próximo. O “nosso próximo”, lembramos, é alguém de quem vivemos perto, talvez não localmente, mas, sim, na vida e em sentimentos.

[289] Todos podem ver que o enunciado de São João é a fórmula de uma filosofia

stance and Shadow: Or Morality and Religion and Their Relation to Life. An Essay Upon the Physics of Creation. Boston. Ticknor & Fields, 1863.

- 24 N.T. Ao longo de todo o texto traduzimos *neighbor* por *próximo*, em vez de vizinho, já que é este o termo tradicionalmente empregado em português no âmbito religioso, precisamente a conotação de que aqui se reveste.
- 25 N.T.: Referência a Jeremy Bentham (1748-1832), filósofo britânico. Seu principal trabalho é *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation* (1789). Tornou-se o primeiro utilitarista ao defender que as ações humanas são determinadas pela busca do prazer, único bem, ou pela fuga da dor, único mal, portanto orientadas para a maximização da satisfação do indivíduo. Assim, todo o sistema humano de valoração está estruturado com base na intensidade do binômio prazer-dor, rejeitando-se a consideração de um supremo bem, de caráter metafísico. Ver ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Ver também AUDI, R. *op. cit.*
- 26 N.T.: Referência a Claude Adrien Helvétius (1715-1771), filósofo francês cujas principais obras são: *De L'esprit* (1758) e *De l'homme: de ses facultés intellectuelles et de son éducation* (1772). Comunga da rejeição empirista às ideias inatas e da defesa da concepção de que as sensações são base de toda a nossa aquisição de conhecimento. O egoísmo é o *mobile* de nossas ações e ponto de partida da busca de conhecimento. Sustenta, entretanto, que as leis do Estado Iluminista podem converter o egoísmo, cuja expressão social é a competição, em uma força que produza benefícios públicos. Ver AUDI, R. *op. cit.*
- 27 N.T.: Referência a Cesare Beccaria (1738-1794), criminologista italiano e reformador judicial e penal. Sua principal obra foi *Dei delitti e delle pene* (1764). Beccaria defende que o bem mais elevado é a felicidade compartilhada pelo maior número de pessoas. Por conseguinte, os crimes contra o Estado são mais graves do que aqueles cometidos contra os indivíduos e a propriedade. Sustenta que a duração e a certeza da condenação, e não a sua intensidade, são os fatores que produzem o maior efeito sobre a decisão de delinquir dos criminosos. Ver AUDI, R. *op. cit.*

evolucionária, que ensina que o crescimento vem apenas do amor, não direi do auto-sacrifício, mas da aspiração²⁸ ardente de realizar as aspirações mais altas do outro. Suponha, por exemplo, que eu tenha uma ideia que me interessa. É minha criação. É minha criatura, pois, como mostrei no *Monist* de julho passado²⁹, é uma pequena pessoa. Eu a amo e me empenharia em aperfeiçoá-la. Não será aplicando a fria justiça ao círculo de minhas ideias que as farei crescer, mas, sim, zelando e cuidando delas como faria com as flores do meu jardim. A filosofia que extraímos do evangelho de João é a de que é desta forma que a mente se desenvolve. De igual modo, o cosmos também é capaz de continuar evoluindo, na medida mesma em que também é mente e, como tal, é dotado de vida. O amor, ao reconhecer os germes da amorosidade no que é odioso, gradualmente o aquece para a vida, tornando-o amável. Quem estudar com cuidado o meu ensaio “A Lei da Mente”³⁰ deverá perceber que este é o tipo de evolução requerida pelo *sinequismo*³¹.

[290] Neste momento em que o século dezenove vai rapidamente chegando ao fim, todos nós começamos a rever os seus feitos e a pensar sobre que aspecto o caracterizará quando for comparado a outros séculos pela mente de historiadores futuros. Suponho que venha a ser denominado o Século Econômico, pois a economia política tem relações mais diretas com todos os ramos de suas atividades do que qualquer outra ciência. Pois bem, a economia política também tem a sua fórmula de redenção. É esta: a Inteligência a serviço da ganância garante os mais justos preços, os contratos mais imparciais e a mais transparente conduta nas transações entre os homens, levando ao *summum bonum*, alimentos em abundância e perfeito conforto. Alimentos para quem? Ora, para o ganancioso dono da inteligência. Não quero dizer ser esta uma das conclusões legítimas da economia política, cujo caráter científico reconheço inteiramente. Mas o estudo das doutrinas, verdadeiras em si mesmas, com grande frequência fomentará temporariamente generalizações extremamente falsas, tal como o estudo da física promoveu o necessitarismo. O que digo, na verdade, é que a grande atenção dedicada em nosso século às questões econômicas induziu a um exagero dos efeitos benéficos da ganância e dos maus resultados do sentimento, até desembocar numa filosofia que, inadvertidamente, chegou ao cúmulo de apontar a ambição como o grande agente na elevação da raça humana e na evolução do universo.

28 N.T.: A expressão em inglês é *impulse*, cuja tradução corrente para o português é *impulso*. Contudo, Peirce fala de *ardent impulse* e de *another's highest impulse*, o que nos pareceu veicular a ideia de algo que é acalentado nos corações e, neste sentido, o termo *aspiração* pareceu-nos uma tradução mais fiel ao espírito da sentença. O termo *impulso* sugeriria, a nosso ver, a conotação de senso comum de algo voluntarioso e, desta maneira, afastar-se-ia do sentido pretendido por Peirce.

29 N.E.: Ver item 24. N.T.: O item para o qual o editor nos remete é *Man's Glassy Essence* (*Essential Peirce*, v.1, p. 334-351; CP 6.238-71).

30 N.E.: Ver item 23. N.T.: O item para o qual o editor nos remete é *The Law of Mind* (*Essential Peirce*, v.1, p. 312-333; CP 6.102-63).

31 N.T.: O termo *synechism*, empregado por Peirce, provém do grego *syneché*, que significa “continuidade”.

[291] Abro um manual de economia política³² – o mais típico e mediano que tenho à mão – e encontro nele algumas observações que passarei a analisar rapidamente aqui. Omito as qualificações, os engodos atirados a Cérbero³³, o palavreado para acalmar o preconceito cristão, as armadilhas destinadas a esconder, do autor e do leitor, a feia nudez do deus-ganância. Mas eu delimito cuidadosamente a minha posição. O autor aponta “três motivos para a ação humana:

O amor a si mesmo;

O amor a uma classe determinada, que tenha interesses e sentimentos comuns ao próprio indivíduo;

O amor à humanidade em geral.”³⁴

Observe-se, já de início, que título respeitoso é concedido à ganância: “amor a si mesmo”. Amor! O segundo motivo é amor. Se em lugar de “classe determinada” se colocar “certas pessoas”, ter-se-á uma descrição adequada. Tomando-se “classe” num sentido antiquado, ter-se-á uma descrição de um tipo tênue de amor. Consequentemente, parece haver certa obscuridade quanto à delimitação deste motivo. Por amor à humanidade em geral, o autor, talvez num impulso para impingir ideias, não se refere àquela paixão profunda e subconsciente, denominada assim apropriadamente, mas refere-se simplesmente ao espírito público³⁵. O autor procede a uma estimativa comparativa do valor destes motivos. A ganância, diz, mas evidentemente

32 N.E.: Simon Newcomb, *Principles of Political Economy* (New York, 1886)

33 N.T.: Em inglês, *sops thrown to Cerberus*. Na mitologia grega, Cérbero é o cão do Hades (inferno), guardião do reino dos mortos que impedia a entrada dos vivos, bem como a sua saída, caso tivessem logrado entrar nele. Usualmente representado com três cabeças, cauda de dragão, pescoço e dorso eriçado de serpentes. A expressão refere-se ao mito em que Sibila, acompanhada de Eneias, desce ao Hades para reencontrar seu pai falecido e, ao deparar-se com Cérbero, joga-lhe um bolo especialmente preparado por ela. O cão devorou-o vorazmente e, em seguida, estendeu-se e adormeceu profundamente, o que permitiu que Sibila e Eneias adentrassem ao Hades. Uma tradução livre e possível da expressão para o português seria “adulações”. Ver BRANDÃO, J. *Dicionário mítico-etimológico*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. Ver também BULFINCH, Thomas. *op. cit.*

34 N.E.: *Ibid.*, p. 534. N.T.: Apágina para a qual o editor nos remete é de Simon Newcomb, *op. cit.*, p. 534.

35 N.T.: A expressão “espírito público”, empregada aqui, remete à concepção utilitarista que sustenta haver uma coincidência entre o interesse particular e o coletivo, ou público, de tal sorte que a busca da satisfação do auto-interesse, daquilo que “amamos” individualmente, promoveria o sumo bem coletivo (ver também as notas 19, 20 e 21). Do ponto de vista peirciano, poderíamos formular a crítica a esta concepção afirmando que ela nomeia de “amor” aquele interesse particular que é experimentado por um grande número de pessoas. Ora, um *continuum* não pode ser construído pela agregação de particulares, logo o sumo bem coletivo não pode ser produto da busca de satisfação daquilo que é valorizado individualmente. O sentimento de amor genuíno, aquela “aspiração ardente de realizar as aspirações mais altas do outro” - como expresso algumas linhas atrás neste ensaio - deve, antes, habitar o coração de cada um e, como uma bússola que orienta sem predeterminedar caminhos, moldar as escolhas individuais. O amor, “aquela paixão profunda e subconsciente” é, pois, o que verdadeiramente confere *continuidade* às ações individuais.

usando outra palavra, “não é um mal tão grande como comumente se supõe [...] todo o homem pode promover seus próprios interesses bem mais efetivamente do que os de outrem, ou do que esse outro pode promover os seus”. Além disso, observa em outra página, quanto mais avarento ele for, mais promoverá o bem. O segundo motivo “é o mais perigoso ao qual a sociedade está exposta.” O amor é absolutamente lindo: “não existe fonte mais nobre ou pura de felicidade humana”. (Ahem!) Mas é uma “fonte de sofrimento inesgotável” e, em suma, deveria ser controlado por algo mais sábio. E qual seria este motivo mais sábio? É o que veremos.

No que diz respeito ao espírito público, ele se torna ineficaz “pelas dificuldades na sua forma de sua operação efetiva”. Poder-se-ia, por exemplo, sugerir o controle da fecundidade do pobre e do malfeitor e, em se tratando de criminosos, “nenhuma medida de repressão seria severa demais”. A insinuação é bem ampla. Mas, infelizmente, não se podem induzir as legislaturas a tomarem tais medidas, devido aos perniciosos “sentimentos de compaixão do homem pelo homem”. Assim, parece que aquele espírito público, ou bentamismo, não é forte o bastante para tornar-se o tutor efetivo do amor (passo a outra página), o que deve, conseqüentemente, ser confiado aos “motivos que animam o homem na busca da riqueza”, por serem os únicos nos quais podemos confiar e por serem “benéficos no mais alto grau”³⁶. Sim, são benéficos “no mais alto grau”, sem exceção, para o ser a quem dispensam todas as bênçãos, a saber, o indivíduo, cujo “único objetivo” em acumular riqueza, frisa o autor, é o seu “sustento e satisfação” individual. O autor sustenta claramente a noção de que qualquer outro motivo que possa ser benéfico em grau superior, mesmo que para o próprio indivíduo, é um grande paradoxo carente de bom senso. Ele procura dissimular e modificar sua doutrina, mas deixa o leitor perspicaz entrever seu princípio inspirador e, ao manter as opiniões que citei, reconhecendo, ao mesmo tempo, que a sociedade não poderia existir apenas assentada na ganância inteligente³⁷, ele simplesmente se enquadra entre os ecléticos de opiniões desarmoniosas. Quer conferir à sua devoção material³⁸ um *soupçon*³⁹ de Deus.

[292] Os economistas acusam de *sentimentalistas* os que reagem com horror à enunciação de suas atrozidades vilanias. Talvez o sejam. Devo confessar que, graças a Deus, tenho inclinações deliberadas para o sentimentalismo! Desde que a Revolução Francesa trouxe má reputação a esta tendência de pensamento - não de todo imere-

36 N.A.: Como pode um escritor respeitar a ciência como tal e ser capaz de confundir tais generalizações baratas com as proposições científicas da economia política, as quais nada têm a dizer sobre o que é “benéfico”?

37 N.T.: No inglês, *intelligent greed*. Na falta de um termo melhor em português, optamos pela tradução literal. A expressão, parece-nos, indica uma ganância que é produto de uma elaboração intelectual e, por conseguinte, patrocinadora de um hábito de conduta e de uma moralidade predominantes na sociedade capitalista.

38 N.T.: Peirce utiliza aqui a expressão *mammon*, cuja origem tem raízes no Grego, Latim e Aramaico, a qual significa devoção aos bens materiais. Significa também um falso deus que personifica a cobiça e a ganância. Ver HOUAISS, A. (Ed.). *Dicionário inglês-português*. Rio de Janeiro: Record, 1982, e *Webster New Encyclopedic Dictionary*. New York: BD&L, 1993.

39 N.T.: Expressão francesa que quer dizer “pitada”.

cidamente, devo admitir, porquanto esse grande movimento foi verdadeiro, belo e bom – tornou-se tradição pintar os *sentimentalistas* como pessoas incapazes de um pensamento lógico e de olhar os fatos de frente. Esta tradição equipara-se à tradição francesa que afirma que um inglês diz *godam*⁴⁰ a cada duas frases, à inglesa que diz que um americano fala dos “Britishers”⁴¹ e à tradição americana que diz que os franceses levam as formas de etiqueta aos extremos mais inconvenientes; em suma, equipara-se a todas as tradições que sobrevivem simplesmente porque os homens que usam os próprios olhos e ouvidos são poucos e raros. Claro que no passado houve alguma justificativa para tais opiniões, pois o sentimentalismo se colocou um pouco no ridículo quando era divertimento da moda passar a noite num mar de lágrimas, assistindo a uma encenação cheia de dores, num palco à luz de velas. Mas, afinal, o que é o sentimentalismo? É um ismo, a saber, uma doutrina que exige grande respeito aos julgamentos naturais do coração sensível⁴². É exatamente disso que se trata e desafio o leitor a considerar se desprezá-la não é a mais degradante de todas as blasfêmias. Entretanto, o século dezenove o rejeita veementemente por ter dado origem ao Reino do Terror⁴³. O que é verdade. Porém, a questão é *em que medida*. O Reino do Terror foi nefasto, porém durante todo este século a bandeira de Gradgrind⁴⁴ tem tremulado descaradamente aos céus, com uma insolência de fazê-los bramir enfurecidos. Em breve, raios e abalos arrancarão os economistas de sua complacência, porém será tarde demais. O século vinte certamente verá, sem sua segunda metade, a tempestade diluviana precipitar-se sobre a ordem social, para limpar um mundo há tanto tempo imerso em ruínas por culpa da filosofia da ganância. Portanto, basta de algazaras pós-thermidorianas!⁴⁵

40 N.T.: Expressão que quer dizer “maldito seja”.

41 N.T.: Denominação para os povos que habitavam a Grã-Bretanha antes da chegada dos anglo-saxões. A expressão foi empregada pelos norte-americanos na guerra da independência dos E.U.A. para se referirem aos britânicos.

42 N.T.: A palavra empregada por Peirce é “sensible”, cuja tradução corrente para português seria “sensato” ou “aquele que tem bom discernimento”. O termo correlato em inglês para a expressão portuguesa escolhida, “sensível”, seria “sensitive” e não “sensible”. O sentido que Peirce dá ao termo “sensible”, parece-nos, situa-se no limiar entre os dois vocábulos. Assim, “sensible” não é aquele que se afoga num mar de lágrimas, mas é aquele que tem bom discernimento, que não abdica do raciocínio lógico, mas, ao mesmo tempo, mantém uma conexão afetiva com o seu próximo. Neste contexto, e apesar da parcialidade, preferimos, ao longo de toda a tradução, o termo “sensível” para “sensible”, já que este resguarda melhor o calor agápico da expressão, que, parece-nos, está mais alinhada com o espírito peirciano.

43 N.T.: Denominação dada ao período da Revolução Francesa em que, sob o governo dos jacobinos, mais de 40 mil partidários (ou suspeitos) da monarquia foram executados. Este período terminou com o golpe do 9 do Thermidor (27 de Julho de 1794), em que vários dirigentes jacobinos foram executados, dentre os quais Robespierre e Saint-Just. Ver LEMOS, Mário Matos E. *Dicionário de história universal*. Lisboa: Editorial Inquérito, 2001.

44 N.T.: Referência a Thomas Gradgrind, personagem de Charles Dickens em *Tempos difíceis*. Sintetiza o espírito da Revolução Industrial e das concepções utilitaristas. Gradgrind defende que as ações humanas devem pautar-se apenas pela racionalidade, baseadas em fatos e assentadas no autointeresse.

45 N.T.: Referência ao Thermidor, décimo-primeiro mês do calendário revolucionário da

Quer dizer que o avaro é uma força benéfica para a sociedade, não é? Então, exatamente pela mesma razão, porém num grau muito mais alto, poderíamos afirmar que o trapaceiro de Wall Street é um anjo bom que tira dinheiro de pessoas negligentes, não qualificadas para guardá-lo; que arrasa empresas frágeis, que seria melhor mesmo que fechassem; e que ministra lições saudáveis a pesquisadores científicos descuidados ao passar-lhes cheques sem fundos – como você fez comigo noutro dia, meu milionário Mestre em estelionato⁴⁶, ao encontrar um jeito de usar meu processo sem pagar por ele e, assim, legar algo a seus filhos de que possam se vangloriar de seu pai – e que, por meio de milhares de embustes, coloca dinheiro a serviço da ganância inteligente, na sua própria pessoa⁴⁷. Bernard Mandeville, em sua *Fábula das Abelhas*, sustenta que vícios privados de todos os tipos constituem-se em benefícios públicos, bem como dá provas do que diz de modo tão convincente quanto o economista ao defender seu posicionamento a respeito do avaro⁴⁸. Chega mesmo a argumentar, com força não desprezível, que, não fosse pelo vício, a civilização jamais teria existido. É no mesmo espírito que se afirmava, como ainda hoje se acredita amplamente, que todos os atos de caridade e de beneficência, sejam eles privados ou públicos, colaboram seriamente para degradar a raça humana.

[293] A *Origem das espécies* de Darwin simplesmente estende as visões político-econômicas de progresso a todo o reino da vida animal e vegetal. A vasta maioria de nossos naturalistas contemporâneos sustenta a opinião de que a verdadeira origem das sofisticadas e maravilhosas adaptações da natureza, as quais em minha infância os homens atribuíam à sabedoria divina, está no fato das criaturas viverem tão amontoadas que aquelas que porventura tenham alguma vantagem empurram as menos aquinhoadas para situações desfavoráveis à multiplicação ou até mesmo matando-as antes de atingirem a idade reprodutiva. Entre os animais, o mero individualismo mecânico, decorrente da ganância⁴⁹ implacável do animal, é amplamente reiterado como uma força benéfica. Como coloca Darwin em sua página-título, é a luta pela sobrevivência. E ele deveria ter acrescentado à sua máxima: Cada um por si, e que o Diabo carregue o último! Jesus, no Sermão da Montanha, expressou uma opinião diferente.

primeira República Francesa, o qual se iniciava em 19 de Julho (para usar a referência do calendário Gregoriano).

46 N.T.: A expressão usada é “Master in glomery”, o que parece ser um trocadilho com o título que ostentava o diretor da escola de gramática de Cambridge, no Reino Unido, durante a Idade Média. Ver *The Oxford English Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1933.

47 N.E.: Peirce fala aqui de forma bastante pessoal. Sobre o incidente, disse em uma carta de 20 de Setembro de 1892 a Augustus Lowell: “Há pouco tempo fiz um informe sobre um processo químico para um homem de Wall Street, que deveria pagar-me \$500 em dinheiro e uma participação nas patentes. Entregou-me prontamente um cheque e o banco o devolveu como *impróprio*”. O “Master in glomery” era Thomas J. Montgomery.

48 N.E.: Bernard Mandeville, *The Fable of the Bees* (London, 1806), destaque G. N.T.: Médico e escritor francês (1670-1733) sobre assuntos de ética, cujas ideias tiveram grande influência sobre as concepções utilitaristas.

49 N.T.: O termo empregado em inglês foi *greed*, cuja tradução usual, em se referindo ao animal, seria voracidade. Contudo, preferimos o termo *ganância* para preservar a ligação com a crítica de Peirce ao individualismo.

[294] Eis, pois, o problema. O evangelho de Cristo diz que o progresso provém do fato de cada indivíduo fundir a sua individualidade em simpatia⁵⁰ com a de seu próximo. De maneira oposta, a convicção do século dezanove é a de que o progresso se dá em virtude de cada indivíduo lutar com todas as suas forças pelo seu próprio bem, mesmo pisando sobre o próximo sempre que puder. Isto poderia, bem apropriadamente, denominar-se o Evangelho da Ganância.

[295] Muito pode ser dito sobre ambos os lados. Não ocultei, e nem poderia, a minha própria predileção apaixonada. Tal confissão provavelmente chocará meus pares científicos. Porém, creio que o sentimento forte é, em si mesmo, até onde se possa confiar ser ele o porta-voz do julgamento normal do Coração Sensível, um argumento de peso considerável em favor da teoria agapástica da evolução. É claro que se fosse possível crer no agapasma sem o fazer ardentemente, este fato seria um argumento contra a verdade da doutrina. De qualquer forma, já que o calor do sentimento existe, ele deveria ser francamente confessado em qualquer relato, especialmente porque isso cria, de minha parte, uma pendência para a parcialidade, contra a qual meus leitores e eu nos devemos pôr energicamente em guarda.

§2. Segundos Pensamentos. Irênica⁵¹

[296] Tentemos definir as afinidades lógicas das diferentes teorias da evolução. A seleção natural, como concebida por Darwin, é um modo de evolução em que o único agente positivo de mudança em toda a passagem, do símio ao homem, é a variação fortuita. Para assegurar o avanço em determinada direção, o acaso tem de ser secundado por algum fator que dificulte a propagação de algumas variedades ou estimule a de outras. Na seleção natural, no sentido estrito da expressão, o que se dá é a eliminação do mais fraco. Na seleção sexual, é principalmente a atração pela beleza.

[297] A *Origem das Espécies* foi publicada no final do ano de 1859. Os anos anteriores, desde 1846, tinham sido um dos períodos mais produtivos ou, se estendidos de modo a abranger o grande livro em questão, o período mais produtivo com tal extensão de tempo na história inteira da ciência, desde seu início até agora. A ideia de que

50 N.T.: Do grego *sym* + *páthos*, mesmo sentimento. Peirce emprega o termo *simpatia* para designar o compartilhamento de uma mesma experiência de alma, de um mesmo sentimento. Assim, deve-se afastar a conotação de senso comum de “pessoa agradável, cativante”. Uma alternativa para contornar a conotação de senso comum de simpatia seria a escolha do termo *afinidade*, porém descartamos esta alternativa por nos parece indicar um compartilhamento que tem um *mobile* externo (o mesmo fim) e, portanto, cujo *locus* da motivação é o indivíduo. *Simpatia*, ao contrário, parece-nos apontar para um *continuum* de sentimento que é partilhado por diferentes indivíduos. Portanto, *simpatia* tem por perspectiva o todo e não o indivíduo. Quando Peirce menciona que cada indivíduo deve fundir a sua individualidade com a do próximo, o que está propondo é que se refaça o *continuum* de sentimento, superando a quebra da continuidade que o individualismo é.

51 N.T.: Conciliação, pacificação. Do grego, *eirènikos*.

o acaso produz ordem, uma das pedras angulares da física moderna (embora o Dr. Carus a considere “o ponto mais fraco no sistema do Sr. Peirce”)⁵², foi inteiramente esclarecida naquela época. Quételet⁵³ havia iniciado a discussão com as suas *Cartas sobre a aplicação das probabilidades às ciências morais e políticas*, um trabalho que impressionou profundamente as melhores cabeças daqueles dias e para o qual Sir John Herschel havia atraído a atenção geral na Grã Bretanha⁵⁴. Em 1857, o primeiro volume da História da civilização de Buckle⁵⁵ tinha exercido enorme impacto pelo uso que fez da mesma ideia. Enquanto isso, o “método estatístico”, exatamente com essa denominação, havia sido aplicado com brilhante sucesso à física molecular. O Dr. John Herapath⁵⁶, um químico inglês, tinha delineado, em 1847, a teoria cinética dos gases em sua *Física matemática*. E o interesse que a teoria provocou fora reavivado em 1856 pelos relatos de Clausius e Krönig⁵⁷. Exatamente no verão que antecedeu a publicação de Darwin, Maxwell lera ante a Associação Britânica a primeira e mais importante de suas pesquisas sobre o assunto⁵⁸. A consequência foi que a ideia de que eventos fortuitos podem originar uma lei física e, mais ainda, de que essa é a forma pela qual essas leis, que parecem conflitar com o princípio de conservação de energia, devem ser explicadas, tiveram um forte impacto sobre as mentes de to-

- 52 N.E.: CARUS, Paul. “Mr. Charles S. Peirce’s Onslaught on the Doctrine of Necessity”. *Monist*, v. 2, p. 576, 1892. N.T.: Paul Carus (1852-1919) foi um filósofo norte-americano, editor durante muitos anos dos periódicos *Open Court* e *The Monist*, devotados a questões filosóficas e de religião. Seus principais escritos, que buscavam um fundamento científico para a religião, foram *Fundamental Problems* (1889), *The Religion of Science* (1893), *The Gospel of Buddha* (1900), *The History of the Devil* (1900) e *The Principle of Relativity* (1913).
- 53 N.T.: Adolphe Quételet (1796-1894), matemático, astrônomo e meteorologista belga que, sob a influência dos estudos de Joseph Fourier e Pierre Laplace, aplicou o método estatístico às questões sociológicas. Sua principal obra é *Sur L’homme et le Développement des ses Facultés: Essai d’une Physique Social* (1835). O Índice de Quételet, também conhecido como Índice de Massa Corporal, é a medida internacionalmente usada para a mensuração do grau de obesidade.
- 54 N.E.: A tradução de Quételet feita por O. G. Dowene foi publicada em Londres em 1849 e a obra “Quételet on Probabilities”, de John Herschel, apareceu na *Edinburgh Review* (42:1-57) no ano seguinte. N.T.: John Herschel (1792-1871), astrônomo e químico britânico. Inventou o processo fotográfico usando papel sensibilizado. Deu continuidade aos trabalhos de seu pai, William Herschel, de catalogação de estrelas duplas e nebulosas.
- 55 N.T.: Henry Thomas Buckle (1821-1862). Historiador inglês, autor de *History of Civilization in England* (1857).
- 56 N.T.: John Herapath (1790-1868), químico amador inglês. Realizou estudos sobre a teoria cinética dos gases.
- 57 N.E.: CLAUSIUS, Rudolf J. E. “Über die Art der Bewegung welche wir Wärme nennen”. *Poggendorff’s Annalen*, v. 100, p. 365, 1857; e KRÖNIG, Augustus Karl. “Grundzüge einer Theorie der Gase”. *Poggendorff’s Annalen*, v. 99, p. 315, 1856. N.T.: Rudolf Clausius (1822-1888), físico alemão que estabeleceu o conceito de entropia em conjunto com Maxwell. August Karl Krönig (1822-1879), químico e físico alemão, que publicou o referido artigo sobre a teoria cinética dos gases.
- 58 N.E.: MAXWELL, James Clerk. “Illustrations of the Dynamical Theory of Gases”. *Philosophical Magazine*, v. 4, p. 22, 1860. (Também no seu *Collected Papers*, v. 1, p. 377.) N.T.: James Clerk Maxwell (1831-1879) foi um físico britânico que realizou grandes contribuições para a teoria cinética dos gases e para o estudo dos campos magnéticos.

dos seguidores desses líderes de pensamento. Segundo essas mentes, era inevitável que A *Origem das espécies* – cujo ensinamento consistia simplesmente na aplicação do mesmo princípio à explicação de outra ação “não conservadora”, a do desenvolvimento orgânico – fosse bem recebida e aclamada. A magnífica descoberta da conservação de energia por Helmholtz em 1847, e a da teoria mecânica do calor por Clausius e, independentemente, por Rankine, em 1850, intimidaram indiscutivelmente todos os que poderiam ter a intenção de zombar da ciência física⁵⁹. Daí em diante, um poeta retardatário, ainda repetindo que “a ciência que banaliza o nome das coisas”⁶⁰, não teria mais repercussão. Sabia-se que o mecanismo era tudo, ou quase tudo. Durante todo este período, o utilitarismo⁶¹ – aquele substituto aprimorado do Evangelho – estava em seu máximo esplendor e era um aliado natural de uma teoria individualista. A defesa precipitada do decano Mansel levou à revolta os partidários de Sir William Hamilton e o nominalismo de Mill ganhou com essa situação⁶². E ainda que a verdadeira ciência a que Darwin conduzia os homens viesse um dia certamente a desfechar um golpe mortal na pseudociência de Mill, havia, de fato, vários elementos da teoria darwiniana que seguramente encantavam os seguidores de Mill. Outra coisa: havia treze anos que os anestésicos vinham sendo usados. Isso diminuía consideravelmente o contato das pessoas com o sofrimento e, como consequência, esta dureza desagradável com que os nossos tempos tanto contrastam com aqueles imediatamente precedentes, já se havia instalado e levado as pessoas a apreciarem uma teoria cruel. O leitor se enganaria completamente quanto à intenção do que digo, se julgar que pretendo sugerir que alguma dessas coisas (à exceção,

59 N.E.: HELMHOLTZ, Hermann. “Über die Erhaltung der Kraft”. Introdução a uma série de conferências proferidas em Karlsruhe em 1862-63 no seu *Popular Scientific Lectures*, New York, v. 1, p. 316-62, 1885. CLAUDIUS, Rudolf J. E. “Über die bewegende kraft der Wärme”. *Poggendorff's Annalen*, v. 79, p. 368, 1850. Para W. J.M. Rankine, ver a nota 8 no item 24. N.T.: A nota a que o editor se refere é: RANKINE, William J. M. *Transactions of the Royal Society of Edinburgh*, v. 20, p. 192, 1850. Hermann Ludwig Ferdinand Von Helmholtz (1821-1894), médico alemão, professor de fisiologia, anatomia e física. O seu mais importante trabalho foi em matemática física e acústica, além de ter sido o primeiro a formular matematicamente os princípios da conservação de energia. Rudolf Clausius (1822-1888). Matemático e físico, nascido na atual Polônia, lançou as bases da moderna teoria da termodinâmica. William John M. Rankine (1820-1872), engenheiro e físico britânico, com várias contribuições no estudo da fadiga dos materiais e em termodinâmica.

60 N.T.: Trecho do poema de James Russell Lowell (1819-1891), *The Commemoration Ode* (1865), poeta estadunidense, ensaísta e diplomata.

61 N.T.: A expressão “utilitarismo” foi originalmente empregada por William Bentham, embora de forma ocasional. John Stuart Mill (1806-1873), filósofo empirista britânico, foi o primeiro a usar o termo de forma consistente. O Utilitarismo substituiu a consideração de um fim último para a ação humana, postulando que o *mobile* da ação humana é a busca do prazer. Incorpora a concepção becariana de que o fim de qualquer atividade humana “é a maior felicidade possível, compartilhada pelo maior número de pessoas possível”. O esforço teórico de Stuart Mill, assim como de seu pai James Mill, é o de demonstrar como é possível a confluência entre a utilidade individual e a utilidade pública, concedendo estatuto de ciência positiva à Ética. Ver AUDI, R. *op. cit.*

62 N.E.: Henry Longueville Mansel (1820-1871). Metafísico inglês e seguidor de Hamilton. Ver também a nota 14 no item 3. N.T.: A nota a que o editor se refere é: MANSEL, Henry Longueville. *Prolegomena Logica*. 2. ed. Oxford: 1860, p. 9n.

talvez, de Malthus⁶³) tenha influenciado o próprio Darwin. O que quero dizer é que a sua hipótese, mesmo sendo, sem dúvida alguma, uma das mais engenhosas e belas que já se concebeu, e mesmo arguida com riqueza de conhecimento, força lógica, elegância retórica e, acima de tudo, com uma certa autenticidade magnética quase irresistível, não parecia, a princípio, estar nem perto de ser comprovada. E, para uma mente sóbria, sua proposta parece agora menos promissora do que há vinte anos. Contudo, a recepção extraordinariamente favorável que encontrou deveu-se, em grande medida, simplesmente ao fato das suas ideias serem aquelas para as quais aquela época estava favoravelmente predisposta, especialmente por causa do estímulo que dava à filosofia da ganância.

[298] Diametralmente opostas à evolução por acaso estão aquelas teorias que atribuem todo progresso a um princípio necessário intrínseco ou a algum outro tipo de necessidade. Muitos naturalistas têm pensado que, se um ovo está destinado a percorrer uma determinada série de transformações embriológicas, das quais é perfeitamente certo não se desviar e se, num período geológico, formas quase exatamente idênticas aparecem sucessivamente, uma substituindo a outra na mesma ordem, a suposição forte é de que esta última sucessão estava tão predeterminada e certa de ocorrer quanto a primeira. Assim, Nägeli, por exemplo, julga que, de alguma forma, decorre da primeira lei de movimento e da peculiar, mas desconhecida, constituição molecular do protoplasma, que as formas devam complicar-se progressivamente. Kölliker vê uma forma gerando outra ao cabo de certa maturação. Weismann, apesar de se declarar darwiniano, também sustenta que nada se deve ao acaso, mas que todas as formas são simples resultados mecânicos da hereditariedade de um par de genitores⁶⁴. É plenamente manifesto que todos estes diferentes sectários procuram carrear para a sua ciência uma necessidade mecânica que os fatos por eles observados não corroboram. Aqueles geólogos que pensam que a variação das espécies é devida a alterações cataclísmicas do clima ou da constituição química do ar e da água, também fazem da necessidade mecânica o fator principal da evolução.

63 N.T.: Thomas Malthus (1766-1834). Economista britânico, que produziu a obra *Essay on the Principle of Population*, na qual sustentava que o crescimento populacional dava-se a taxas geométricas e superava o crescimento da produção de alimentos, limitado pela lei dos rendimentos decrescentes. O equilíbrio natural entre crescimento populacional e disponibilidade de alimentos seria periodicamente restabelecido pela ocorrência de fome e guerras. Propunha medidas para limitar o crescimento populacional, como o casamento tardio.

64 N.A.: Fico feliz em saber que o Dr. Carus também coloca Weismann entre os opositores de Darwin, apesar de ele levantar essa bandeira. N.E.: NÄGELI, Karl Wilhelm. *Mechanisch-physiologische Theorie der Abstammungslehre*. Munich; Leipzig: 1884, Introdução. KÖLLIKER, Albert von. *Entwicklungsgeschichte des Menschen und der höheren Tiere*. Leipzig: 1879, seq. 1 da introdução. WEISMANN, August. *Essays on Heredity*. Oxford: 1889, v. 1, ensaio 2. N.T.: Karl Wilhelm von Nägeli (1817-1891) foi um botânico suíço que realizou estudos na área de citologia. Albert Von Kölliker (1817-1905), também suíço, realizou estudos em citologia e foi precursor da moderna genética. Publicou o primeiro livro-texto de histologia. August Weismann (1834-1914), biólogo alemão que realizou estudos em zoologia e avançou explicações sobre a transmissão das características dos indivíduos à sua descendência.

[299] A evolução por acaso e a evolução por necessidade mecânica são concepções antagônicas. Uma terceira concepção, que supera este conflito, está embutida na teoria de Lamarck⁶⁵. Segundo sua visão, tudo o que distingue as formas orgânicas mais elevadas das mais rudimentares foi produzido por pequenas hipertrofias, ou atrofia, que afetaram os indivíduos nos primórdios de suas vidas e foram transmitidas a seus descendentes. Tal transmissão de características adquiridas é da natureza geral da aquisição de hábitos e é, no domínio fisiológico, representativa e derivada da lei da mente. Sua ação diverge essencialmente daquela de uma força física, estando aí o segredo da relutância de necessitaristas, como Weismann, em admitir a sua existência. Os lamarquianos supõem adicionalmente que, embora algumas das modificações das formas assim transmitidas sejam originalmente devidas a causas mecânicas, os fatores principais de sua primeira produção foram, todavia, a tensão do esforço e o sobrecrecimento superinduzido pelo exercício, junto com as ações opostas. Ora, o esforço, dado que é dirigido a um fim, é essencialmente psíquico, muito embora seja algumas vezes inconsciente, e o crescimento devido ao exercício, como afirmei em meu último ensaio⁶⁶, segue uma lei de um caráter bastante contrário ao da mecânica.

[300] A evolução lamarquiana é, pois, a evolução pela força do hábito – esta frase escapou da minha pena enquanto um daqueles próximos, cuja função no cosmos social parece ser a de um Interruptor, me fazia uma pergunta. Claro, isto é um contrassenso. O hábito é mera inércia, um repousar sobre os próprios remos, e não uma propulsão. Ora, é por uma projação energética (sorte que há tal palavra, senão minha inábil mão teria de criá-la)⁶⁷ que, nas instâncias típicas da evolução

65 N.E.: LAMARCK, Jean Baptiste. *Philosophie zoologique*. Paris: 1873. N.T.: Biólogo francês (1744-1829), estudou medicina e botânica. Sua principal obra é *Histoire des Animaux sans Vertèbres*, em sete volumes. Publicou ainda tratados sobre meteorologia, geologia, química e paleontologia. Formulou uma teoria da evolução, que postulava que a evolução dos seres vivos era um processo de complexificação e que os caracteres adquiridos ao longo do processo evolutivo eram transmitidos hereditariamente.

66 N. E.: Ver item 24. N.T.: Este item ao qual o editor nos remete corresponde novamente ao ensaio de Peirce intitulado *Man's Glassy Essence*.

67 N.T.: A expressão correlata mais adequada em português para “to rest on one's oars” seria “repousar sobre os próprios louros”. Contudo, optamos pela tradução literal de “repousar sobre os próprios remos” por entendermos que ela expressa melhor a ideia peirciana de hábito. O hábito, de fato, é simplesmente a reprodução de um mesmo comportamento, é um fluir inercial, tal e qual o suave deslizar do esquiife enquanto o remador descansa sobre os remos. Enquanto o remador está em atividade, há uma propulsão, uma “projação energética”, mas não há ainda um hábito. A expressão “projação energética”, que Peirce ironicamente diz que a teria de criar se não existisse, é, na realidade, um termo cunhado por ele mesmo para expressar a erupção criadora, que lança novos elementos no teatro da existência, numa evidente analogia com a ejaculação viril. Portanto, há aqui a ideia de algo que brota incondicionalmente como manifestação de uma energia criadora e que, uma vez feito *actu*, engendra conexões *simpáticas* que irão se constituir em novos hábitos. Este fenômeno, que Peirce abordou profundamente em seu ensaio *The Law of Mind*, de 1892, é da mesma natureza da conexão de ideias. Esta nota foi-me sugerida por Cassiano Terra Rodrigues, a quem agradeço profundamente e, desde já, eximo dos eventuais equívocos

lamarquiana, os novos elementos das formas são criados pela primeira vez. O hábito, contudo, força-os a assumir configurações práticas, compatíveis com as estruturas que eles afetam e, na forma da hereditariedade e outras, substitui gradualmente a energia espontânea que os sustenta. Assim, o hábito exerce dupla função: serve para estabelecer as novas características e, também, para conduzi-las à harmonia com a morfologia e função geral dos animais e plantas às quais pertencem⁶⁸. Mas se o leitor, por gentileza, se der ao trabalho de voltar uma ou duas páginas, verá que este relato da evolução lamarquiana coincide com a descrição geral da ação do amor, à qual, suponho, deu o seu assentimento.

[301] Lembrando que, na realidade, toda matéria é mente e, lembrando também da continuidade da mente, perguntemo-nos que aspecto a evolução lamarquiana adquire no domínio da consciência. O esforço direto pode conseguir muito pouca coisa. É tão fácil adicionar, por meio do pensamento, um côvado à própria estatura, quanto é produzir uma ideia aceitável a qualquer uma das Musas, simplesmente puxando por ela antes que esteja pronta para surgir. Rondamos em vão o poço e o trono sagrados de Mnemósine⁶⁹; os mais profundos trabalhos do espírito se dão no seu ritmo próprio e lento, sem a nossa cumplicidade. Deixemos, porém, que soe o clarim e, então, poderemos envidar nossos esforços, certos de que uma oblação no altar de qualquer divindade atenderá o seu gosto. Além deste processo interno, há a ação do ambiente, que quebra os hábitos que precisam ser removidos para, desta forma, revigorar a mente. Todos sabem que a continuação prolongada de uma rotina de hábitos torna-nos letárgicos, ao passo que uma sucessão de surpresas ilumina maravilhosamente as ideias. Onde há movimento e a história é algo a fazer-se, lá

que, naturalmente, são de minha inteira responsabilidade.

68 N.T.: É interessante atentar aqui para o uso das expressões: “new features”, *novas características*, e “general morphology”, *morfologia geral*. Um pouco antes, Peirce havia falado de “practical shapes”, *configurações ou formas práticas*, e “structures”, *estruturas*. A morfologia, segundo entendemos, é o que torna o ser o que ele é. Neste sentido, é um *hábito*, uma disposição, da matéria de se estruturar de certa maneira. Um ser, contudo, não tem existência geral, mas determinada; tem de aparecer fenomenicamente de maneira determinada, isto é, tem de exibir-se segundo uma *forma prática*, individualizada. Em outras palavras, a *forma cavalo* existe existencialmente na forma prática *deste* cavalo. É esta forma prática (*este cavalo*), imersa no jogo das forças brutas da *segundidade*, da existência, que vai-se prestar à evolução. É ela que reage contra as mudanças ambientais e se esforça por adaptar-se, hipertrofiando ou atrofiando determinadas estruturas de sua morfologia que se mostrem mais adequadas para a perpetuação da espécie, segundo a teoria lamarquiana esposada por Peirce, num claro processo de natureza abduziva. Esta ênfase ou inibição introduz uma ruptura nos hábitos estabelecidos e força a procura de um novo equilíbrio, o que passa pelo rearranjo de sua estrutura interna para acomodação das modificações introduzidas. Este processo evolutivo é transmitido à espécie pela reprodução, de tal maneira que, pode-se dizer, a *forma cavalo* evolui.

69 N.T.: Mnemósine é a personificação da memória. Na mitologia grega era uma Titã, filha de Urano e de Gaia. Zeus copulou com ela por nove noites consecutivas, dando-lhe nove filhas, as Musas. Os mortos que bebessem água do poço de Mnemósine recobriam a lembrança de suas vidas. O oposto ocorreria com aqueles que bebessem água do poço de Lethe, filha de Thanatos (Morte) e Zeus. BRANDÃO, J. *op. cit.*

estará o foco da atividade mental e, já foi dito, as artes e as ciências residem no templo de Janus⁷⁰, acordando quando ele se abre, mas dormitando quando este se fecha. Poucos psicólogos perceberam o quão fundamental é este fato. Uma parte da mente, amplamente interligada a muitas outras, trabalha de modo quase mecânico. Adquire a condição de uma junção ferroviária. Mas aquela parte da mente que estiver quase isolada, sendo uma península espiritual ou um *cul-de-sac*⁷¹, é como um fim de linha ferroviária. Ora, as interligações mentais são hábitos e, onde elas existem em abundância, a originalidade não é necessária, nem é encontrada, mas, onde escasseiam, a espontaneidade encontra-se livre. Assim, o primeiro passo na evolução lamarquiana da mente é pôr diversos pensamentos em situações nas quais estes se encontrem livres para jogar. Quanto ao crescimento pelo exercício, já demonstrei, ao discutir “A Essência Vítreo do Homem” no *Monist* de outubro último⁷², como deve ser concebido o seu *modus operandi*, pelo menos até que se ofereça uma segunda hipótese igualmente precisa. A saber, ele consiste na dispersão errática das moléculas e na reparação das partes por meio de nova matéria. Trata-se, pois, de uma espécie de reprodução. Isto se dá apenas durante o exercício, porque a atividade do protoplasma consiste na agitação molecular, a qual é a sua condição necessária. O crescimento pelo exercício também acontece na mente. Na verdade, é nisto que consiste *aprender*. Mas seu exemplo mais perfeito é o desenvolvimento de uma ideia filosófica ao ser posta em prática. A concepção, que de início parecia ser unitária, subdivide-se em casos especiais, e em cada um deles um novo pensamento deve entrar para tornar uma ideia exequível. Este novo pensamento, entretanto, segue muito de perto o modelo da concepção parental e, desta forma, dá-se um desenvolvimento homogêneo. Fica evidente o paralelo entre o curso das ocorrências moleculares e o que acabo de descrever. A atenção paciente conseguirá rastrear todos estes elementos na operação denominada aprendizado.

[302] Desta forma, foram colocados diante de nós três modos de evolução: evolução por variação fortuita, evolução por necessidade mecânica e evolução por amor criativo. Podemos denominá-las evolução *ticástica*, ou *ticasma*; evolução *anancástica* ou *anancasma* e evolução *agapástica* ou *agapasma*. Às principais doutrinas que as representam podemos denominar, respectivamente, de *ticasticismo*, *anancasticismo* e *agapasticismo*. Por outro lado, as meras proposições de que o acaso absoluto, a necessidade mecânica e a lei do amor estão respectivamente em operação no cosmos podem receber os nomes de *tiquísmo*, *ananquismo* e *agapismo*.

70 N.T.: Deus romano, filho de Apolo e da ninfa Creusa. Havendo acolhido Saturno quando este foi expulso do céu, este deus dotou-o da virtude da prudência, a tal ponto que o passado e o futuro estavam sempre ante seus olhos. Para exprimir esta faculdade era representado com duas faces, uma olhando para a frente e outra para trás. Os portões de seu templo eram mantidos abertos em tempos de Guerra, de forma a que pudesse intervir, se necessário. Em tempos de paz, os portões eram mantidos fechados. Representa a transição e a passagem. RIBEIRO, Joaquim C. R. *Vocabulário e fabulário da mitologia*. Martins: 1962. Ver também MÉNARD, René. *op. cit.*

71 N.T.: Expressão em francês que quer dizer “beco sem saída”.

72 N.E.: Ibid. N.T.: Esta nota do editor nos remete novamente ao ensaio de Peirce intitulado *Man's Glassy Essence*.

[303] Todos os três modelos de evolução são compostos dos mesmos elementos gerais. O agapasma os exhibe mais claramente. O bom resultado se dá aqui, primeiramente, pela concessão espontânea de energia dos genitores à prole e, em segundo lugar, pela disposição desta em captar a ideia daqueles e, deste modo, servir ao propósito geral. A fim de esclarecer a relação que ticasma e anancasma têm com o agapasma, permitam-me tomar emprestado um exemplo da geometria. Uma elipse atravessada por uma linha reta é uma espécie de curva cúbica, pois uma cúbica é uma curva atravessada três vezes por uma linha reta. Ora, uma reta pode cortar a elipse duas vezes e a sua reta associada pode fazê-lo uma terceira vez. Mas, mesmo assim, a elipse atravessada por uma reta não teria as características de uma cúbica. Não teria, por exemplo, flexão contrária alguma, o que nenhuma cúbica verdadeira tolera, e teria dois nodos, o que nenhuma cúbica verdadeira possui. Os geômetras dizem ser esta uma cúbica *degenerada*. Exatamente da mesma forma, ticasma e anancasma são formas degeneradas de agapasma.

[304] Os homens que procuram conciliar a ideia darwiniana com o Cristianismo assinalarão que a evolução ticástica, assim como a agapástica, depende de uma criação reprodutiva, e que as formas preservadas são as que utilizam a espontaneidade a elas conferidas de tal forma a serem atraídas para a harmonia com o seu original, bem de acordo com o esquema cristão. Muito bem! Isto prova apenas que, assim como o amor não pode ter um contrário, mas deve antes abraçar o que lhe é mais oposto, como um exemplo degenerado de si mesmo, assim também o ticasma é um tipo de agapasma. Porém, na evolução ticástica o progresso deve-se unicamente à distribuição, entre os criados não desprezados, do talento⁷³, oculto sob o guardanapo, dos criados desprezados, da mesma forma que os jogadores arruinados deixam seu dinheiro sobre a mesa para tornarem mais ricos os que ainda não caíram em desgraça. Transpondo-se isto para o outro lado da equação: só em ver a desgraça dos bodes, os cordeiros já se sentem felizes. Por outro lado, no agapasma genuíno o avanço se dá em virtude de uma simpatia positiva entre os frutos da criação que brotam da continuidade da mente⁷⁴. Esta é a ideia com a qual o ticasticismo não sabe como lidar.

[305] O anancasticista poderia intervir aqui, alegando que o tipo de evolução por ele defendida concorda com o agapasma precisamente no ponto em que o ticasma se afasta dele, já que faz com que o desenvolvimento percorra certas fases, tendo inevitáveis fluxos e refluxos, não obstante tenda, no conjunto, para uma perfeição pré-ordenada. Por isto, o destino da simples existência revela uma afinidade intrínseca com o bem. Nisto, deve-se admitir, o anancasma apresenta-se, numa acepção mais ampla, como uma espécie de agapasma. E algumas de suas formas poderiam ser facilmente confundidas com o agapasma genuíno. A filosofia hegeliana é um anancasticismo deste tipo. Com sua religião reveladora, com seu sinequismo (não obstante expresso de maneira imperfeita), com sua “reflexão”, a ideia inteira da

73 N. T.: Antigo peso e moeda de ouro dos Gregos e Romanos.

74 N.T.: Ao se referir à “simpatia positiva entre os frutos da criação que brotam da continuidade da mente”, Peirce sublinha o fato de que o novo não é puramente um produto *ticástico*, um evento inteiramente aleatório, mas é, antes, tributário, embora não decorrência necessária, dos avanços anteriores e, portanto, brota “da continuidade da mente”.

teoria é soberba, quase sublime. Contudo, ao fim e ao cabo, a liberdade viva é praticamente suprimida de seu método. O movimento na sua totalidade é o de uma grande máquina, impelida por um *vis a tergo*⁷⁵, com um destino cego e misterioso de chegar a um objetivo supremo. Se ele realmente funcionasse, creio que *seria* tal máquina. Mas, de fato, não passa de um motor Keely.⁷⁶ Admitindo-se que realmente se comportasse como declara se comportar, então não haveria nada a fazer senão aceitar a sua filosofia. Mas nunca se viu um exemplo de tão longo encadeamento de raciocínio – deveria dizer, com uma falha em cada elo? – não, com cada elo feito de um punhado de areia, comprimido para dar forma a um sonho. Ou, digamos, um modelo de papelão para uma filosofia não existe realmente. Se usarmos a única coisa preciosa que contém, a sua ideia, e introduzirmos o tiquismo, o qual a arbitrariedade de cada um de seus passos sugere, e se fizermos disto o fundamento de uma liberdade vital, que é o sopro do espírito do amor, poderemos ser capazes de produzir aquele agapasticismo genuíno que Hegel almejava.*

* A segunda e última parte desta tradução será publicada no n. 2 do v. 11 de *Cognitio*.

75 N.T.: Força cega propulsora.

76 N.E.: Inventado por J. E. W. Keely em 1874. Supunha-se produzir energia como resultado das vibrações intermoleculares do éter. N.T.: John Worrell Keely (1837-1898) foi um carpinteiro e mecânico estadunidense, que anunciou em 1872 ter descoberto uma forma de extrair energia etérea. Fundou a Keely Motor Company com capital dos homens de negócios da Filadélfia. Esse projeto, naturalmente, nunca produziu os resultados prometidos.